

AQUILO QUE BORBULHA: UM MERGULHO NO INCONSCIENTE EM ÁGUA VIVA DE CLARICE LISPECTOR¹

Laura Pravato Vieira²

Monalisa Maria Lauro³

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente⁴

RESUMO:

O presente artigo propõe uma análise interdisciplinar entre a obra **Água Viva**, de Clarice Lispector, e os conceitos de inconsciente em Freud e Lacan. O estudo explora como a escrita de Clarice reflete o fluxo de pensamentos inconscientes, abordando o indizível e aquilo que antecede o pensamento. O inconsciente freudiano, com seus conteúdos reprimidos que emergem por meio de sonhos, chistes, sintomas e atos falhos, é relacionado à obra **Água Viva**, em passagens que evocam um fluxo contínuo e não-linear do pensamento. Assim, a escrita da narradora, marcada pela expressão fluida e catártica, assemelha-se a uma constante associação livre. Em Lacan, o inconsciente é estruturado pela linguagem, um saber que escapa ao sujeito, refletido na linguagem poética e “faltante” de Lispector. A análise destaca a manifestação inconsciente através de uma escrita que tenta articular o que é impessoal, indizível e elusivo, destacando o “it”, termo da autora que se assemelha ao Id freudiano e ao Real lacaniano. O estudo revela como é possível, através da escrita de Clarice, encontrar um campo fértil para a compreensão das manifestações inconscientes.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Água Viva. Psicanálise. Inconsciente.

ESO QUE BURBUJEA: UNA INMERSIÓN EN EL INCONSCIENTE EN AGUA VIVA DE CLARICE LISPECTOR

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia, Literatura e Artes. Recebido em 12/10/24 e aprovado, após reformulações, em 12/11/24.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: laurapvieira@live.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: monalisalauro@uniacademia.edu.br

⁴ Mestre em Psicologia pelo Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: reginaprudente@uniacademia.edu.br

RESUMEN:

El presente artículo propone un análisis interdisciplinario entre la obra **Agua Viva**, de Clarice Lispector, y los conceptos de inconsciente en Freud y Lacan. El estudio explora cómo la escritura de Clarice refleja el flujo de pensamientos inconscientes, abordando lo indecible y aquello que antecede al pensamiento. El inconsciente freudiano, con sus contenidos reprimidos que emergen a través de sueños, chistes, síntomas y actos fallidos, se relaciona con la obra **Agua Viva** en pasajes que evocan un flujo continuo y no lineal del pensamiento. Así, la escritura de la narradora, marcada por una expresión fluida y catártica, se asemeja a una constante asociación libre. En Lacan, el inconsciente está estructurado por el lenguaje, un saber que escapa al sujeto, reflejado en el lenguaje poético y "faltante" de Lispector. El análisis destaca la manifestación inconsciente a través de una escritura que intenta articular lo impersonal, lo indecible y lo elusivo, destacando el "it", un término de la autora que se asemeja al Id freudiano y al Real lacaniano. El estudio revela cómo, a través de la escritura de Clarice, es posible encontrar un campo fértil para la comprensión de sus manifestaciones.

Palabras clave: Clarice Lispector. Agua Viva. Psicoanálisis. Inconsciente.

1 INTRODUÇÃO

A obra **Água Viva**, publicada em 1973, por Clarice Lispector, insere-se no movimento modernista. O monólogo demonstra seu potencial catártico, um ponto de inflexão na literatura brasileira, não somente pela inovação estilística, mas também pela profunda exploração dos pensamentos e, até mesmo, daquilo que os antecede, capturando o que há de mais íntimo, fugaz e indizível. De acordo com Oswald de Andrade (apud Bosi, 2003, p. 209), o Modernismo brasileiro foi um movimento cultural e literário que procurou romper com as tradições e estabelecer uma autenticidade cultural, um "sarampão antropofágico". No Brasil de 1922, essa ruptura liberava a prosa e a poesia dos formalismos acadêmicos para explorar o "lendário tupi" – o inconsciente brasileiro.

O presente artigo propõe mergulhar na psique, através da análise de **Água Viva**, utilizando como referencial teórico os conceitos de inconsciente de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Por meio de uma abordagem interdisciplinar que entrelaça psicanálise e literatura, visa desvelar as camadas do psiquismo presentes em **Água**

Viva, explorando como essa obra reflete e retrata os conceitos psicanalíticos do inconsciente, partindo de uma apresentação de Clarice, tateando sua escrita, aprofundando no conceito de inconsciente psicanalítico, para que na última seção se mergulhe de fato na obra **Água Viva**.

Entre os objetivos específicos destacam-se a análise do conceito de inconsciente em Freud e Lacan, a identificação dos principais elementos da obra **Água Viva** que se relacionam com esse conceito. O estudo também se propõe a discutir a relação entre o texto literário e a teoria psicanalítica, destacando como a obra de Lispector contribui para a compreensão de alguns conceitos psicanalíticos ao fornecer uma linguagem capaz de transmitir o que, muitas vezes, escapa à consciência. Nesse contexto, a escolha da articulação da literatura, entre tantas artes, com a psicanálise para este estudo não foi por acaso. A psicanálise auxilia a aprofundar a investigação da obra de Clarice Lispector.

Ainda, a escrita de Lispector nos mostra que o manejo da linguagem é capaz de transcender aquilo que é compreensível, explorando a natureza exótica da identidade e da existência por meio de uma expressão artística que ultrapassa os limites da consciência. O monólogo de uma narradora personagem sem nome pode ser visto como uma espécie de exploração dos aspectos ocultos de si mesma, daquilo que é indizível. Dessa forma, a criação artística e a linguagem tornam-se meios, pelos quais aquela que tece dá forma a complexidade da experiência humana. Em sintonia com Santos e Carvalho (2017), compreende-se que, através das leituras e interpretações do mundo ao seu redor, uma pessoa desenvolve-se como um indivíduo capaz de pensar e refletir.

Nesse cenário, foram analisadas passagens específicas de **Água Viva** que ilustram a possível manifestação do inconsciente, como a recorrência de imagens e temas que sugerem uma tentativa de articulação do indizível. A análise se concentrou em como Lispector utiliza a linguagem para explorar a fronteira entre o consciente e o inconsciente, e como essa exploração reflete os conceitos psicanalíticos. Miranda (2017) apresenta a maneira como Clarice Lispector valoriza o inacabado, o inconcluso, como uma forma de se aproximar da essência da vida, que é fluida e

elusiva. A autora também menciona a parte final do livro, onde Lispector se volta para o "material da criação", sugerindo que certos materiais conseguem capturar esse "it", indizível, essencial –(in)consciente.

Desse modo, pode-se dizer que na obra, a escrita poética e a narrativa fragmentada permitem acessar, indiretamente, experiências inconscientes, desejos e questões existenciais da personagem. Essa concepção se entrelaça com o pensamento de Lacan (1988a, p. 139), que afirma que “O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem”. Assim como afirma a própria Clarice: “bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso” (Lispector, 1998, p. 15).

Ainda em respeito à interface entre literatura e inconsciente, Freud, em **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess** (1950), aponta a presença de elementos inconscientes na obra **Hamlet**, de Shakespeare, sugerindo que o autor reflete aspectos de seu inconsciente na história. Sua análise ressalta como os conflitos dos personagens podem refletir questões psicológicas profundas, como também é aqui analisado no caso da **Água Viva**, de Lispector.

Complementando essa visão, Santos e Carvalho (2017, p. 23) também compreendem a literatura com suas “formas imaginárias, simbolizações, figuras de linguagem, tornando-a um rico material clínico, pois são discursos do (in)consciente.” Diante disso, a relevância deste estudo reside na sua capacidade de contribuir para a psicanálise e a literatura, oferecendo novos exemplos de entrelaces desses dois campos.

Na execução desse trabalho foram consultadas as seguintes fontes primárias: em Freud: **A Interpretação dos Sonhos** (2018 [1900]), **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess** (1996 [1950]), **Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise** (2010 [1912]), **O Eu e o Id** (2011 [1923 – 1925]), e **Dissecção da personalidade psíquica** (2010 [1930 – 1936]); em Lacan: os **Escritos** (1998) e **Seminários**, especialmente os livros 3, 11 e 20. E, em Clarice Lispector: **Água Viva** (1998).

Na análise dessas obras, foi feita uma leitura minuciosa, de modo a identificar e categorizar elementos textuais que remetam aos conceitos de inconsciente. Além disso, foram elaborados esquemas conceituais para facilitar a compreensão do inconsciente na obra de Lispector, em sintonia com as teorias de Freud e Lacan, uma vez que, o estudo do inconsciente não se limita apenas ao campo da psicologia e da psicanálise, mas também encontra ressonância em outras áreas, como a literatura (Bellemin-Noël, 1978). Também foram consultados, como fontes secundárias, artigos científicos nas bases do BiViPsi, Scielo, Pepsic.

Desse modo, Clarice constrói uma poética capaz de transcender o espaço e o tempo, o familiar e o estranho, fazendo da palavra sua quarta dimensão. Para poder realizar a análise de sua obra sob a ótica psicanalítica, é essencial apresentar Clarice Lispector, portanto, na próxima seção será abordada a sua complexa personalidade, o potencial de sua escrita, a capacidade de fazer uma prosa pessoal e universal.

2 A POÉTICA DO ESTRANGEIRO: A LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR

Ao ultrapassar as fronteiras da linguagem e acessar o indizível, Clarice Lispector cria uma ponte entre a literatura e a psicanálise, permitindo investigar o que se esconde nas profundezas da psique. A partir disso, para que se possa compreender melhor o impacto desse diálogo entre o inconsciente e a escrita clariciana, faz-se necessário apresentar a figura icônica de Clarice Lispector. Suas origens, experiências e identidade multifacetada moldam não apenas sua obra, mas também a maneira como ela interage com as fronteiras entre o familiar e o estranho, o consciente e o inconsciente. Dessa forma, inicia-se este trabalho com uma análise de sua biografia e da influência de sua condição de "estrangeira" na criação de uma prosa única e universal.

2.1 CLARICE, AQUELA QUE BORBULHA

Quem é Clarice Lispector? Como apresentar essa escritora estrangeira que é tão brasileira? Por que Clarice? Nascida na Ucrânia em 10 de dezembro de 1920, ela veio para o Brasil com apenas dois meses de idade (Moser, 2009). Antonio Callado (1995), escritor e amigo de Clarice diz:

Clarice era uma estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia. Criada desde menininha no Brasil, era tão brasileira quanto não importa quem. Clarice era estrangeira na terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noite numa cidade desconhecida onde há greve geral de transportes (apud Gotlib, 2009, p. 52).

De acordo com Moser (2009), desde a adolescência, ela já era uma escritora de destaque, tendo sua vida já documentada pela imprensa. Entretanto, poucos artistas modernos permanecem tão desconhecidos em sua essência quanto ela. Benjamin (2009, p.13) a cita: “Sou tão misteriosa que não me entendo”. A ‘estranheza’ da escrita de Clarice Lispector é uma de suas características mais marcantes, tanto na história da literatura brasileira quanto da língua portuguesa. Sua prosa, marcada por influências de fronteiras culturais e linguísticas, não encontra paralelo direto entre os grandes escritores que a precederam.

Ainda segundo Moser (2009), a alma expressa na obra dela é a de uma mulher solitária, que carrega em seu interior toda a diversidade humana:

Eis por que Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, “eu sou vós mesmos” (Moser, 2009, p.17).

Homem (2011) afirma que a escrita de Clarice não se limita a essa pluralidade, pois ela é capaz de explorar aquilo que antecipa as palavras, o que vem antes do pensamento e até mesmo o indizível. Clarice captura o fluxo de consciência de suas personagens, refletindo o movimento incessante entre o dito e o não dito, o consciente e o inconsciente, valorizando o inacabado e o inconcluso, e aproximando-se da

essência fluida e elusiva da vida. Assim, surge um conflito entre o Simbólico — representado pela escrita, pelo discurso e pela palavra — e o que Lacan chama de Real, que é aquilo que, por sua natureza, não pode ser completamente capturado pelo significante. Esse Real se posiciona no domínio do não dito, do silêncio e do vazio, mas paradoxalmente motiva e impulsiona o ato de escrever, dando forma à própria escrita (Homem, 2011).

Ainda segundo o que Homem (2011) aponta, desde Freud, a literatura e a teoria psicanalítica mantêm um diálogo contínuo, que se fez ao longo do tempo e contribuiu para a definição de conceitos específicos. A literatura, bem como outras formas de arte, está intimamente ligada ao conceito de mimese, uma ideia central na estética e na filosofia, que descreve a representação ou simulação da realidade na arte. E no caso específico da obra **Água Viva**, a literatura permite explorar profundamente os pensamentos e sensações que precedem a consciência. Santos e Carvalho (2017) pontuam que a escrita de Clarice Lispector nessa obra transcende os sentidos ambíguos das palavras, pois ao tentar expressar sensações e sentimentos, sempre parece haver algo que escapa, que falta.

Moreira (2012) afirma que a obra de Clarice Lispector é uma das mais pesquisadas na Literatura Brasileira e, apesar de ser amplamente estudada, ainda existem nuances de sua obra que não receberam a devida atenção. Propor um novo estudo sobre seus escritos pode parecer uma variação dos temas já explorados, mas existem elementos da sua escrita que permanecem pouco investigados e que justificam uma análise mais profunda. Desse modo, a conexão entre literatura e psicanálise, como discutido por Homem (2011), é um dos caminhos possíveis para esmiuçar, ainda mais, a obra de Lispector. Com isso, no próximo tópico adentraremos em sua escrita que dá contorno a sua existência.

2.2 A ESCRITA QUE TRANSBORDA

“É uma tal aleluia. Aleluia, grito eu” (Lispector, 1998, p.7), Clarice começa em um grito, este ecoa para além da linguagem, mostrando a complexidade de sua escrita

e faz da palavra sua quarta dimensão. No espaço da escrita, como no de Lispector, a palavra ganha uma tangibilidade própria, uma presença sutil e palpável que, paradoxalmente, está sempre incompleta. Essa falta se encontra com a psicanálise, como afirma Miranda (2017), o texto examinado por ela é aquele que contém lacunas, o não-dito, onde existem áreas de ambiguidade. Pois a linguagem não pode capturar completamente a realidade, e os significados não abrangem todos os significantes, uma vez que sempre há algo que está faltando ou em excesso, o que se vê muito na escrita de Lispector.

Marcos e Carozzi (2021, p. 290) exploram essa ideia ao afirmar que a letra, a escrita e a psicanálise se preenchem da falta, desse modo: “A criação desse vazio corresponde exatamente à experiência essencial da escrita, cujo papel é substituir a coisa por sua ausência, o objeto por seu desaparecimento”. Tanto na escrita quanto na fala, as palavras são apresentadas como portadoras de um vazio, seja na forma de um espaço a ser preenchido na escrita, seja na fragmentação e falta de sentido intrínsecos às palavras, remetendo às lacunas em que, para Lacan, se manifesta o inconsciente. Esse vazio, presente na escrita de Clarice, surge como um espaço a ser preenchido ou como uma fragmentação da própria linguagem, onde as palavras parecem escapar continuamente.

Vieira (2008, p. 8) apresenta o vazio singular das expressões, afirmando que “As palavras são fragmentos, pedaços, poesias que caem do Outro. Eles começam a se montar e articular e introduzem, até um discurso articulado, mas em si não dizem nada”. Esse “Outro”, conceito lacaniano, trata-se de uma instancia simbólica que representa a linguagem e a cultura em que o sujeito se insere. Tal ideia se relaciona com a concepção lacaniana de que o significado emerge da interação entre os significantes, e não de cada significante individualmente. Esse autor ainda relaciona o “sonho” em Freud com a escrita, entendendo que em ambos não é o significado literal de cada elemento que importa, mas sim a maneira como eles se relacionam e se articulam. Lacan (1985) vai além, e caracteriza a prática analítica por essa capacidade de ler os lapsos e os significados ocultos por trás das palavras:

[...] pode parecer enigmático, mas que é mesmo o que há de mais próximo daquilo que nós analistas, graças ao discurso analítico, temos de ler – o lapso. É a título de lapso que aquilo significa alguma coisa, quer dizer, que aquilo pode ser lido de uma infinidade de maneiras diferentes. Mas é precisamente por isso que aquilo se lê mal, ou que se lê de través, ou que não se lê. Mas esta dimensão do ler-se, não é ela suficiente para mostrar que estamos no registro do discurso analítico? O de que se trata no discurso analítico é sempre isto – ao que se enuncia de significante, vocês dão sempre uma leitura outra que não o que ele significa (Lacan, 1985 [1972-1973], p. 51-52).

As palavras de Lispector, assim como na análise lacaniana, mostram os limites do Simbólico – sistema de significações usadas para se compreender e expressar o mundo, abrangendo a linguagem, cultura e as normas, apontando para o Real – aquilo que não pode ser totalmente expresso ou capturado pela linguagem.

Marcos e Carozzi (2021), em consonância com a tese de Vieira (2008), compreendem que as palavras do poema não mantêm as relações com a realidade como na linguagem cotidiana, pois elas adentram um espaço onde a linguagem transcende sua função meramente comunicativa e se torna, dessa maneira, um meio de explorar o desconhecido, o sagrado e o sublime, o que está sempre presente nas obras de Lispector. Lacan (1985 [1972-1973]) entende que a escrita revela os limites e impasses do Real emergindo no simbólico, como expresso abaixo:

Função verdadeiramente milagrosa, ao se ver, da superfície mesma surgindo de um ponto opaco desse ser estranho, desenhar-se o traço desses escritos, onde perceber os limites, os pontos de impasse, os becos sem-saída, que mostram o real acedendo ao simbólico (Lacan, 1985 [1972-1973], p. 126).

Assim, a tal busca pelo indizível, presente na linguagem poética de Clarice, se relaciona essencialmente com as concepções do inconsciente propostas por Freud e Lacan, que serão discutidas mais a fundo nas próximas seções.

3 OS CONCEITOS DE INCONSCIENTE EM FREUD E LACAN

Ao adotar o inconsciente como objeto de estudo, Freud inaugurou um novo campo de conhecimento, contrastando com concepções anteriores, gerando uma

ruptura epistemológica. Garcia-Roza (2009) ressalta a forte oposição enfrentada por Freud da mentalidade racionalista de sua época ao introduzir o conceito de inconsciente, que desafia a visão tradicional do homem como um ser consciente e racional. Segundo Amaral (2023), Freud subverteu a concepção burguesa idealista do ser humano como um sujeito plenamente consciente, racional e moral, implementando a ideia de um inconsciente determinante do pensamento humano. Desse modo, Freud “libertou” a mente humana do domínio idealista burguês, desvelando o poder do inconsciente, o que afasta os sujeitos da posse de seus pensamentos.

Garcia-Roza (2009) nos mostra que Freud considerava que, ao trazer à tona o “Inconsciente”, ele abriria a terceira grande ferida narcísica, posteriormente a Copérnico, que, no século XV, por meio da teoria heliocêntrica, provou que a Terra não era o centro do universo, e a Darwin, que trouxe a compreensão de que o ser humano é resultado de um processo evolutivo comum a todas as espécies, no século XIX. Desse modo, Freud afasta-se dos ideais iluministas e explora os aspectos emocionais e instintivos do ser humano, reconhecendo que a racionalidade é rasa e não abrange totalmente o comportamento. Ele percebe que o mundo, quando visto apenas de maneira racional, não oferece explicações satisfatórias para diversos fenômenos.

Através da noção freudiana de inconsciente, é possível expandir ainda mais esse conceito com as contribuições de Lacan. A seguir, serão analisados os conceitos centrais do inconsciente freudiano, abordando suas principais características, suas manifestações e a estrutura psíquica que ele compõe.

3.1. O INCONSCIENTE EM FREUD

Mas o que seria então o inconsciente? Na obra **A Interpretação dos Sonhos** publicada em 1900 por Freud (2018 [1900]), ele argumenta que o inconsciente é uma esfera mais abrangente que engloba o consciente. Tudo o que é consciente passa por um estágio preliminar de inconsciência, e o que é inconsciente pode permanecer nesse estado, possuindo, mesmo assim, o valor completo de um processo psíquico.

Portanto, o inconsciente representa a verdadeira realidade psíquica, sendo tão desconhecido para os indivíduos em sua essência quanto o mundo externo. Do mesmo modo que o mundo externo é apresentado de forma incompleta através dos sentidos, o inconsciente também se manifesta de maneira incompleta através dos dados da consciência. Ele funciona, então, como um reservatório de conteúdos psíquicos que influenciam o comportamento, os pensamentos e os sentimentos, mesmo que o indivíduo não tenha consciência dessas influências. Esses conteúdos podem se manifestar de forma simbólica no conteúdo latente dos sonhos, em chistes (por exemplo, uma piada aparentemente inofensiva sobre o namoro pode carregar um conteúdo subjacente de insatisfação ou frustração pessoal que, por meio do humor, encontra uma forma socialmente aceitável de expressão.), atos falhos (por exemplo, quando o marido chama sua esposa pelo nome de sua amante, ou o aluno chama a professora de “mãe”) ou sintomas (por exemplo a paralisia histérica, vivenciada por Anna O. que representava um trauma psíquico ligado a doença de seu pai).

Nesse sentido sistemático, o inconsciente revela-se como um processo psíquico que, além de ser insuscetível de consciência, é regido por leis distintas das que regem o restante do psiquismo. Entre essas leis estão o princípio do prazer, que se refere à busca da satisfação imediata dos desejos; os processos primários, que são formas primitivas de pensamento, caracterizadas por mecanismos como, a condensação — união de elementos do inconsciente em uma única representação — e o deslocamento — uma transferência da expressão do inconsciente de um objeto para outro —; a atemporalidade; a ausência de censura moral; e a realidade psíquica, em que fantasias são vivenciadas como realidade. Freud (2018 [1900]) explica as relações entre os dois sistemas psíquicos — o inconsciente (Ics.) e o pré-consciente (Pcs.) — e sua conexão com a consciência, afirmando que o sistema Pcs. funciona como uma barreira que separa o inconsciente da consciência.

Alguns anos depois, Freud (2010 [1912]) define, em **Algumas observações sobre o conceito de Inconsciente na psicanálise** (1912), o termo "inconsciente" como o estado de uma ideia ou outro elemento psíquico que está presente na mente, mas não na consciência. O autor explora a dinâmica entre o pré-consciente, que pode

se tornar consciente sem dificuldades, e o inconsciente, que permanece fora da consciência devido as forças de resistência, segundo ele “[...] é um indício de que este participa da natureza de certa categoria psíquica, conhecida de nós por outros traços mais significativos, e de que pertence a um sistema de atividade psíquica” (Freud, 2010 [1912], p. 201). Assim, ele argumentava que o inconsciente muitas vezes contém material reprimido ou traumático que é empurrado para fora da consciência, se manifestando de maneira despercebida pela consciência. Além disso, ele destaca a importância do estudo dos sonhos na compreensão do inconsciente, revelando que os pensamentos latentes nos sonhos são transformados e distorcidos pela participação do inconsciente.

Na obra **O Eu e o Id** (1923-1925), Freud apresenta a segunda tópica, oferecendo uma compreensão mais profunda e dinâmica dos processos psíquicos e das interações entre seus elementos. O autor argumenta que a noção do inconsciente está intimamente ligada à teoria da repressão, afirmando que "o reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente" (Freud, 1923, p.13). Nesses escritos, ele propõe uma nova organização estrutural da psique, dividida em três componentes: Id (Isso), Ego (Eu) e Superego (Super-eu). O Ego é descrito como "a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do Pcp-Cs [percepto-consciente]" (Freud, 1923, p.23), indicando sua função de mediador entre os impulsos internos do Id e as demandas da realidade externa. O Superego, por sua vez, desempenha o papel de juiz interno, responsável pela orientação moral, crítica e repressão dos desejos e impulsos do Id, alinhando-se às normas e valores internalizados pela pessoa, "sua relação com o Ego não se esgota na advertência: "Assim (como o pai) você deve ser"; ela compreende também a proibição." (Freud, 1923, p.31).

No texto **Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise** (1912), Freud nos mostra que, no sentido dinâmico, o inconsciente abrange processos psíquicos que não só estão fora da consciência, mas que são também dinamicamente reprimidos, sendo incapazes de se tornarem conscientes. Já no sentido descritivo, o inconsciente passa a ser definido como o conjunto de ideias

latentes que, embora não seja percebido pela consciência, continuam presentes na vida psíquica. O Id permanece sendo uma estrutura singular dentro do aparelho psíquico, pois é nele que o sistema inconsciente, anteriormente referido como inconsciente sistemático, se manifesta de forma mais pura e direta. Assim, o Id é descrito como a "parte obscura e inacessível de nossa personalidade", um "caldeirão cheio de excitações fervilhantes" regido pelo princípio do prazer, sem organização, coerência lógica ou reconhecimento de tempo e espaço (Freud, 1930-1936, p. 154).

Em meados de 1930, no texto **Dissecção da Personalidade Psíquica**, Freud (1930-1936) revisita o conceito de inconsciente, anteriormente entendido como um sistema separado (o "Ics sistemático"), para apresentá-lo como uma qualidade que pode estar presente em diferentes partes da mente, incluindo o Ego (Eu) e o Superego (Super-eu). Freud demonstra que o inconsciente não é exclusivo ao Id, como se acreditava inicialmente; ao contrário, porções significativas do Eu e do Superego também podem agir de maneira inconsciente, no sentido dinâmico e descritivo, influenciando o comportamento sem o conhecimento consciente da pessoa.

Por meio da noção freudiana de inconsciente como uma estrutura dinâmica que dá contorno ao sujeito, é possível expandir ainda mais esse conceito na psicanálise com as contribuições de Lacan. Ele, influenciado por Freud, amplifica a ideia de inconsciente ao conectá-la mais profundamente a linguagem, o que será visto mais a fundo na próxima seção.

3.2 INCONSCIENTE EM LACAN

Enquanto Freud aprofunda o conceito de inconsciente por um viés biológico e dinâmico, Lacan apresenta uma outra perspectiva, ancorada na linguagem. Em **Fundamentos da Psicanálise**, Jorge (2008) tece que Lacan destaca na obra de Freud a relação crucial entre as diferentes formações do inconsciente e a linguagem, que serve como seu veículo primordial de expressão. Na interpretação de Jorge, Lacan destaca três textos freudianos iniciais - **A Interpretação dos Sonhos** (1900), **A Psicopatologia da Vida Cotidiana** (1901) e **Os Chistes e sua Relação com o**

Inconsciente (1905) – como os mais fundamentais no estudo do inconsciente. Ainda de acordo com o autor, Lacan descreveu esses textos como "canônicos em matéria de inconsciente" (Jorge, 2008, p. 65).

Assim, Lacan (1988a) ressalta a relevância da linguagem na compreensão do inconsciente, o que contribui para uma visão mais profunda e abrangente da psicanálise freudiana. E é daí que nasce o aforismo lacaniano "O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem" (Lacan, 1988a, p. 139); uma expressão que, simplificada para "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", se tornou um clássico. Com essa afirmação Lacan (1988a) reconduziu a psicanálise ao seu domínio essencial - o da linguagem - do qual os analistas pós-freudianos haviam se distanciado. Na sua concepção, portanto, o ser falante não apenas usa a linguagem, mas é moldado por ela, sendo chamado a se expressar dentro da cadeia significante.

No seu texto **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**, publicado em 1957, Lacan destaca que, ao priorizar o significante em relação ao significado, no inconsciente, as representações devem ser consideradas como significantes. Já que, para ele, uma palavra por si só não possui sentido único e fixo, pois depende da interpretação do sujeito, baseada na representação que essa palavra tem em sua história pessoal. O significante é percebido como algo contingente e necessário pelo sujeito. Por outro lado, o significado surge da interação entre dois significantes, gerando um efeito de sentido que está constantemente se referindo a outro significante. Assim, Lacan subverte a visão de Ferdinand de Saussure (2006), linguista e filósofo suíço, sobre linguagem, que compreendia a língua como um sistema composto por dois elementos interligados e inseparáveis: o significado e o significante, os quais formam o signo. Em síntese, o significante refere-se à forma sonora ou gráfica de uma palavra, enquanto o significado corresponde ao conceito ou ideia associada a essa palavra. O signo, por sua vez, é a combinação do significante e do significado, resultando em uma unidade de sentido.

Lacan (1988a), ao interpretar os textos de Freud, entende que o inconsciente é essencialmente linguístico. No seu **Seminário 3**, ele discute o termo "pensamento

inconsciente”, presente na obra **A Interpretação dos Sonhos de Freud**. Lacan argumenta que, para usar a expressão de maneira precisa, “pensamento” deve ser entendido como aquilo que é articulado na linguagem. Assim, em outras palavras, o pensamento inconsciente é algo que se manifesta através da linguagem. Desse modo, ele conclui que o inconsciente não pode se desassociar da linguagem, e, tampouco do discurso do outro, das influências linguísticas externas, das palavras, símbolos, significados que os sujeitos recebem ao longo da vida.

Desse modo, ressalta-se a ideia de que o inconsciente é um saber que não está consciente para o sujeito, que escapará através da linguagem, já que, para Lacan (1985, p. 190) “o inconsciente é o testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante”. Assim, enfatiza-se a ideia de que o inconsciente é, além de evanescente, um saber que não está consciente para o sujeito, evidenciando a complexidade e a profundidade do conceito.

No **Seminário Livro 11**, Lacan (1988b) analisa a forma como Freud busca o inconsciente, em uma única expressão, seja falada ou escrita, em que algo se quebra – e é nesse lugar, ou na falta dele, que Freud debruçava seu estudo. Nesse espaço, “algo” busca se expressar – “algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado” (Lacan, 1988b, p. 30). A descontinuidade emerge como a característica essencial pela qual o inconsciente se apresenta como fenômeno - uma falta na qual esse “algo” se manifesta. Ademais, Lacan (1988b) afirma que o inconsciente deve ser situado na dimensão da sincronia, isto é, no nível do sujeito que enuncia, perdendo-se e encontrando-se em diferentes frases, modos, interjeições, imperativos, invocações e, até mesmo, em desmaios. É sempre o inconsciente que nos apresenta seu enigma e fala, envolvendo o sujeito como indeterminado.

A esse respeito, Lacan (1988b) aponta que o que é verdadeiramente ontológico na função do inconsciente é a fenda pela qual esse “algo”, tão efêmero, é momentaneamente trazido à tona, mas apenas por um instante, pois o momento seguinte - o de fechamento - confere a essa apreensão um caráter fugaz e passageiro,

pois a consciência logo se reapodera do psiquismo. Ainda segundo Lacan (1988b, p. 36), “Onticamente então, o inconsciente é o evasivo - mas conseguimos cercá-lo numa estrutura, uma estrutura temporal, da qual se pode dizer que jamais foi articulada, até agora, como tal.”, o que sugere que é possível delinear essa elusividade dentro de uma estrutura temporal, uma estrutura que até então não foi plenamente reconhecida como tal.

Diante da compreensão psicanalítica de inconsciente tanto em Freud quanto em Lacan, é possível traçar um paralelo com a obra literária **Água Viva** de Clarice Lispector. Pois, no decorrer do monólogo, assim como o inconsciente, o texto de Lispector acontece de maneira fluida. A obra se diferencia por apresentar uma escrita catártica, sem uma linearidade lógica, onde as palavras escorregam, como manifestações do próprio inconsciente da personagem, que percebe em sua escrita esse algo que escapa, que não se pode ser dito, que compõe o que será explorado mais afundo na próxima seção.

4 INCONSCIENTE PSICANALÍTICO E A OBRA **ÁGUA VIVA**

Dentre todos os contos, por que mergulhar em **Água viva**? Há inúmeros autores debruçando-se em Clarice, em suas crônicas, contos e cartas, há quem se aventure em sua vida. Eu, e aqui peço licença para trazer essa escrita para primeira pessoa, ao ler **Água Viva**, pude me sentir frente aquela desconhecida, que, me foi tão infamiliar. Aqui, refiro ao que Freud (2019 [1919]) explorou como o conceito de “infamiliar” (*unheimlich*): um sentimento de desconforto e estranhamento em situações em que algo familiar se torna estranho, incomodo, causado pelo encontro de partes obscuras de nosso inconsciente que retornam à superfície, subvertendo a distinção entre o conhecido e o estranho - frequentemente presentes na obra clariceana. Seu fluxo de pensamentos, desabafos, fez-se desenhar o cenário de um divã, como se visse sua associação livre acontecer mediante o passar de meus olhos sobre o livro, suas palavras capturaram-me, fiquei submersa, foi como se o texto me escolhesse, assim como a psicanálise. O casamento da literatura com a psicanálise já é mais do

que consolidado, e, a relação entre elas surgiu em mim com a mesma naturalidade da própria escrita de Clarice.

A obra **Água Viva**, de Clarice Lispector, foi publicada em 1973, após três anos de escrita e inúmeras revisões. Segundo Santos (2012), a primeira versão, escrita em 1971, tinha o título **Atrás do Pensamento. Monólogo com a Vida**. Esse título inicial já indica uma certa referência ao inconsciente, apresentando uma escrita que fluía de forma caótica, com rupturas na lógica e coerência textual, como se a narradora desse monólogo estivesse tentando acessar algo para além do pensamento racional, como expresso em:

Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais. Estou em um estado muito novo e verdadeiro, curioso de si mesmo, tão atraente e pessoal a ponto de não poder pintá-lo ou escrevê-lo (Lispector, 1998, p.6).

Essa "matéria-prima" se assemelha ao inconsciente — um território psíquico que, conforme Freud (2011 [1923]) descreve, não pode ser acessado diretamente pela consciência e resiste à simbolização através das palavras. Posteriormente, o título da obra foi alterado para **Objeto Gritante**, termo que Santos (2012) interpreta como uma expressão da tentativa de Clarice de sobreviver através da escrita, canalizando sua existência para suas palavras, segundo ele "essa escrita é objeto gritante" (Santos, 2012, p.5).

Clarice, por meio de sua personagem, descreve a palavra como sua "quarta dimensão", o que sugere que a escrita não é meramente um instrumento, mas uma parte fundamental de sua formação como pessoa. No entanto, há sempre uma falta, algo que permanece indizível, algo que escapa à linguagem. O que se alinha a Lacan (1988b), em especial, ao conceito de sintoma, que é entendido como um significante que o sujeito gera como resposta a uma dificuldade em simbolizar algo do inconsciente. A narradora, ao explorar a própria identidade, utiliza a escrita para expressar essa dificuldade em simbolizar, como expressa no trecho: "O que escrevo não é para se ler, é para se ser" (Lispector, p.25). Aqui, o sintoma — assim como o

"objeto gritante" — emerge como uma tentativa de dar forma ao que escapa ao controle consciente e à simbolização. A personagem ilustra esse "escapular" de ideias quando escreve: "A criação me escapa. E nem quero saber tanto. Basta-me que meu coração bata no peito. Basta-me o impossível vivo do it" (Lispector, 1998, p.46).

Retomando a construção da obra, somente após um longo processo de revisão, com o auxílio da amiga Olga Borelli, o texto foi reduzido pela metade e finalmente denominado **Água Viva**. Clarice, de acordo com Moser (2009, p.462), preferia que a obra fosse entendida como uma fonte ou nascente, algo que borbulha, em constante movimento, como expressa: "Escrevo redondo, enovelado e tépido, mas às vezes frígido como os instantes frescos, água do riacho que treme sempre por si mesma" (Lispector, 1998, p.3).

Ao longo do monólogo, a narradora sem nome utiliza a escrita e a pintura como formas de se dar contorno. Em seu processo de escrita e reflexão, ela toca no conceito do "it", termo que se casa com o Id freudiano — a parte mais primitiva e inconsciente, regida pelo princípio do prazer e pela atemporalidade. Lispector aborda essa ideia ao dizer: "It é elemento puro. É material do instante do tempo. Não estou coisificando nada: estou tendo o verdadeiro parto do it. Sinto-me tonta como quem vai nascer" (Lispector, 1998, p.23). Aqui, o "it" parece remeter diretamente ao Id, conforme descrito por Freud, em termos de sua atemporalidade, primitividade, pela busca pelo prazer e por sua natureza inconsciente.

Ainda mergulhada em seu "it", a narradora tece: "o mistério do impessoal que é o "it": eu tenho o impessoal dentro de mim e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharcar: mas seco-me ao sol e sou um impessoal de caroço seco e germinativo" (Lispector, 1998, p.19). O "impessoal" que ela menciona está em sintonia com o inconsciente freudiano — uma força vital que não segue a lógica do consciente e está sempre presente, mesmo fora do controle consciente. Em uma visão voltada para Lacan (1988b), o "it" de Clarice pode também ser entendido como uma manifestação do Real — aquilo que está além da simbolização e não pode ser completamente capturado pela linguagem, o que permanece sempre fora do

alcance do sujeito consciente. “O que faço por involuntário instinto não pode ser descrito” (Lispector, 1998, p.44).

A personagem explora esse limiar sublime entre o consciente e o inconsciente, entre o simbolizável e o indizível: “O que me guia apenas é um senso de descoberta. Atrás do atrás do pensamento” (Lispector, 1988, p.54), assim como no seguinte trecho:

Atrás do pensamento atinjo um estado. Recuso-me a dividi-lo em palavras - e o que não posso e não quero exprimir fica sendo o mais secreto dos meus segredos. Sei que tenho medo de momentos nos quais não uso os pensamentos e é um momentâneo estado difícil de ser alcançado, e que, todo secreto, não usa mais as palavras com que se produzem pensamentos (Lispector, 1998, p.50).

Este estado que Lispector descreve, acontece quase como um contato com o inconsciente freudiano — um território onde as palavras falham e o sujeito se depara com algo além do pensamento racional. “Não dirijo nada. Nem minhas próprias palavras” (Lispector, 1998, p.27). O monólogo acontece naturalmente, e, ao mesmo tempo, parece árduo dizer do indizível: “É tão difícil falar e dizer coisas que não podem ser ditas” (Lispector, 1998, p.44). Quando a narradora tece: “Sou um tabu para mim mesma, intocável porque proibida” (Lispector, 1998, p.62), surge aqui algo semelhante ao que foi reprimido, sugerindo a presença de um conteúdo inconsciente, alinhado com a teoria freudiana.

A pergunta que a narradora se faz, “Não usar palavras é perder a identidade?” (Lispector, 1998, p.50), se enlaça com a teoria lacaniana, em que o sujeito se constitui pela linguagem. Para Lacan, é a entrada no simbólico — a ordem da linguagem — que confere ao sujeito uma identidade, e a perda da palavra poderia significar um retorno ao caos do Real, onde o sentido se perde e a identidade se dissolve “Vim te escrever. Quer dizer: ser” (Lispector, 1998, p.29). Clarice parece brincar com essa ideia ao analisar a desintegração das palavras e a consequente perda de identidade, ela nos diz: “Tenho que falar porque falar salva. Mas não tenho nenhuma palavra a dizer. O que é que na loucura da franqueza uma pessoa diria a si mesma? Mas seria

a salvação” (Lispector, 1998, p.). Seguindo a interpretação psicanalítica, pode-se dizer que Clarice faz da escrita o seu sintoma.

Retomamos o infamiliar de Freud (2019 [1919]) quando a personagem tece: “Se tudo isso existe, então sou eu. Mas por que esse mal-estar? É porque não estou vivendo do único medo que se existe para cada um de se viver e nem sei qual é. Desconfortável” (Lispector, 1998, p.30). Essa alienação de si e o questionamento “por que esse mal-estar?” apontam, na leitura psicanalítica, para um contato com algo reprimido ou recalcado no inconsciente. Desse modo, pode-se dizer que a personagem vive uma experiência “infamiliar” ao se deparar com algo de si que foi recalcado e agora retorna como desconforto, sem uma explicação consciente, espelhando os mecanismos do inconsciente em Freud.

A partir da perspectiva freudiana, observamos como o Id — essa instância primitiva e inconsciente — se manifesta no texto, enquanto o desconforto da narradora, espelhando a ideia do infamiliar, como algo que retorna à superfície de forma perturbadora. Clarice nos apresenta uma subjetividade que não é completamente controlada pela razão, mas que parece ser moldada por pulsões e desejos que se fazem escondidos até mesmo para ela, oferecendo ao leitor um espaço para vivenciar o encontro com o inconsciente. Assim, ela diz: “Eu protesto em nome do que está dentro do objeto atrás do atrás do pensamento-sentimento. Sou um objeto urgente” (Lispector, 1988, p.71). A escrita de Clarice se apresenta como uma tentativa de articular o impossível, de dar forma ao que sempre escapa, em suas palavras: “Há uma coisa que me escapa o tempo todo” (Lispector, 1988, p. 60). Desse modo, desvela uma verdade interna que se alinha com a psicanálise, já que nem tudo pode ser dito, e a linguagem nunca dará conta de tudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, movido pela falta, propôs-se a investigar, analisar e esmiuçar a relação entre a literatura de Clarice Lispector, em **Água Viva**, e o conceito do inconsciente psicanalítico desenvolvido por Freud e Lacan. A análise permitiu

perceber como a obra de Clarice, com sua estrutura fragmentada e catártica, se entrelaça diretamente com as minúcias do inconsciente, seja por meio do retorno do reprimido (no caso do infamiliar freudiano) ou do que escapa à simbolização (como o Real lacaniano).

A narrativa de **Água Viva**, marcada por sua fluidez e ausência de linearidade, revela os conflitos internos da personagem, expressando um desejo incontido de dizer o indizível, algo que sempre escapa ao domínio da palavra. Clarice, ao expor esse "algo" que não se pode articular totalmente, evoca o inconsciente, ainda que de maneira não nomeada e indireta. O estudo demonstrou como a obra consegue explorar os limites entre o consciente e o inconsciente, propondo uma reflexão sobre as fronteiras tênues que os separam. O mergulho na escrita de Clarice revela que o encontro entre o familiar e o estranho é capaz de fragilizar as fronteiras entre o consciente e o inconsciente.

Através da análise de **Água Viva**, foi possível perceber como a escrita literária de Clarice reflete e dialoga com os complexos mecanismos psíquicos que Freud e Lacan delinearam ao longo de suas obras acerca do inconsciente - a pedra angular da psicanálise. A partir dessa perspectiva, a literatura de Clarice Lispector não apenas se afirma como uma das mais importantes da língua portuguesa, mas também como um objeto de estudo relevante para a psicanálise, revelando o potencial catártico da escrita, da manifestação do inconsciente.

A comparação entre a abordagem freudiana e lacaniana do inconsciente colaboram para a compreensão das nuances de Clarice, a maneira como ela flui, feito uma água viva, entre esses dois mundos – a concepção de inconsciente presente nos dois autores. Por um lado, a narrativa de **Água Viva** permite ver o retorno de conteúdos reprimidos, que surgem de forma estranha e perturbadora, trazendo à tona aspectos ocultos da mente daquela narradora. Por outro lado, a obra reflete também o campo do Real, um espaço onde a linguagem falha e o sujeito se confronta com algo que não pode ser completamente articulado, que se é indizível, mas que se impõe de maneira gritante ao longo da narrativa.

Clarice Lispector, ao dizer o indizível em **Água Viva**, convida o leitor a um mergulho naquilo que a palavra não consegue atingir por completo. Sua prosa, em muitos momentos, parece fluir como o próprio inconsciente: dispersa, fluida e, ao mesmo tempo, carregada de significados ainda obscuros, como se cada verso compusesse uma verdadeira catarse. Assim, Clarice parece atuar nesse campo da falha da linguagem, permitindo que o leitor tenha contato com o que seria inacessível pela via consciente. Isso revela o potencial catártico da literatura, da escrita enquanto forma de expressão artística, além de uma manifestação do inconsciente, proporcionando uma experiência estética que transcende os limites da linguagem. O leitor, portanto, é convidado a participar desse movimento incessante, como no fluxo do "instante-já" que sempre se dissolve em outro.

Ao discutir a intersecção entre literatura e psicanálise, este estudo reafirma a relevância de **Água Viva** como um horizonte a ser explorado para além da manifestação do inconsciente. Ainda que o diálogo entre literatura e psicanálise seja antigo, essencial e presente em diversos estudos, muitas vezes passa despercebido ao longo da graduação. Com isso, encontrou-se na escrita de Clarice Lispector um terreno fértil para esse trabalho, pois Clarice escreve capturando o efêmero, o impossível de ser aprisionado pela palavra. A linguagem, para Clarice, não é meramente um meio de comunicação; é sua forma de existir, é seu sintoma.

Desse modo, este estudo reitera a relevância da obra de Clarice Lispector dentro do campo da literatura e da psicanálise, abrindo novos caminhos para compreender a influência do inconsciente na construção da subjetividade e da escrita. Ao entrelaçar **Água Viva** ao conceito de inconsciente das teorias de Freud e Lacan, esta pesquisa abre portas para novas reflexões, tanto no campo literário quanto no psicanalítico, futuros estudos podem explorar como outras obras de Clarice Lispector dialogam com o inconsciente ou investigar o potencial de autores contemporâneos sob a ótica psicanalítica, destacando a capacidade das artes de darem contorno aquilo que há de mais denso na psicanálise e na vida.

Espera-se que este estudo amplie o entendimento sobre a relação entre psicanálise e literatura, oferecendo novas perspectivas sobre o conceito de

inconsciente e sua manifestação na obra de Clarice Lispector. Ademais, ao explorar a riqueza simbólica e a profundidade psicológica de **Água Viva**, este trabalho não apenas contribui para o estudo da literatura brasileira sob uma ótica psicanalítica, mas também destaca a relevância da obra não somente dentro do cenário literário brasileiro, mas como um texto significativo para estudos interdisciplinares. A análise proposta buscou, portanto, transcender a mera interpretação textual, oferecendo insights sobre as dinâmicas psíquicas que subjazem à criação literária e à experiência da leitura. Dessa forma, enriquecer a compreensão da interação entre psicanálise e literatura.

Por fim, é importante ressaltar que este trabalho apresenta limitações, como a impossibilidade de capturar todas as nuances da obra de Clarice Lispector apenas através da ótica psicanalítica. Além disso, a pluralidade da interseção entre psicanálise e arte ainda oferece muitas possibilidades inexploradas. Contudo, tais limitações não diminuem a relevância deste estudo, mas sim indicam que há muito a ser descoberto, tanto no campo literário quanto no psicanalítico. Em suma, este trabalho se coloca como uma contribuição para o estudo das interseções entre psicanálise e literatura, demonstrando que a obra de Clarice Lispector oferece um espaço único, singular, para explorar o inconsciente. Através de **Água Viva**, podemos perceber que a escrita é, de fato, uma tentativa de lidar com o indizível, de dar forma ao que escapa, e que, ao final, a linguagem nunca consegue capturar tudo. Ao final, fica claro que a escrita é uma tentativa de dar forma ao que escapa, ao que não pode ser plenamente capturado pela linguagem, e que é nesse espaço de falha e incompletude que reside a potência da criação artística. Desse modo, este trabalho não poderia se encerrar aqui, pois ele representa um ponto de partida para novas reflexões, aqui deixo o inconcluso.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. O. O corte epistemológico de Freud: o continente-inconsciente. **Revista Fim do Mundo**, Marília, v. 4, n. 10, p. 132-153, 2023. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/14906>. Acesso em: 6 abr. 2024.

BELLEMIN-NOËL, J. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Cultrix, 1979.

BOSI, A. Moderno e modernista na literatura brasileira. *In*: BOSI, A. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2003. p. 209-227.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 103-169. Trabalho original publicado em 1950.

FREUD, S. **Interpretação dos sonhos**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. Trabalho original publicado em 1900.

FREUD, S. Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise. *In*: FREUD, S. **Obras completas: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O Caso Schreber")**, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 10, p. 163-192. Trabalho original publicado em 1912.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9, p. 131-143. Trabalho original publicado em 1908 [1907].

FREUD, S. **O infamiliar/Das Unheimliche**, seguido de O Homem da Areia. Tradução de Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. Trabalho original publicado em 1919.

FREUD, S. **Obras completas: O Eu e o Id "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo Cezar Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011. v. 16. Trabalho original publicado em 1923-1925.

FREUD, S. Dissecção da Personalidade Psíquica. *In*: **Obras completas: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18. Trabalho original publicado em 1930-1936.

Garcia-Roza, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GOTLIB, N. B. **Clarice. Uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

HOMEM, M. L. **No limiar do silêncio e da letra**: traços da autoria em Clarice Lispector. 2011. 205 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) -- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-17102011-104726/publico/2011_MariaLuciaHomem.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário. Livro 3**: As psicoses (1955-1956). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988a.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988b.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 20**: mais, ainda (1972-1973). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LISPECTOR, C. **Água viva**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOREIRA, A. C. A. **Novas formas da escrita de Clarice Lispector**: o manuscrito objeto gritante e a ficção tardia clariciana. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/6448/1/Dissertacao_Ana%20Claudia%20Abrantes%20Moreira.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

MOSER, B. **Clarice**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTOS, A M dos. Água Viva – O Objeto Gritante que Representa. **Trem de Letras**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 55–65, 2012. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/45>. Acesso em: 7 set. 2024.

SANTOS, R. S.; CARVALHO, C. F. A presença do inconsciente em sem sopro de vida, de Clarice Lispector. **Revista Crátilo**, Patos de Minas, v. 10, n. 1, p. 23-31, ago. 2017. Disponível em:

<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/articleview/3874/1429>. Acesso em: 23 mar. 2024

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.